# Christianity Today

## Roger E. Olson - Eleição É para Todos

- Imprimir

Categoria: Vol 57 Nr 1
Publicado: Quarta, 26 Agosto 2015 05:23
Acessos: 760

*Como quer que interpretamos a doutrina controversa, é claro que a salvação nunca é uma conquista humana.*

Quando eu era criança, meu irmão e eu às vezes passávamos parte do sábado entregando folhetos evangélicos no nosso bairro. Nós éramos filhos de pastor e provavelmente sentíamos alguma obrigação de fazê-lo (já que era algo promovido pela escola dominical e grupo de jovens), mas eu posso honestamente dizer que também sentíamos que era nossa contribuição para o reino de Deus.

Um dos nossos folhetos favoritos ilustrava uma cédula de votação. O grande pregador Herschel Hobbs, conhecido entre os Batistas do Sul como o "Sr Batista", pregou um sermão famoso que foi publicado no informativo *A Hora Batista*, em outubro de 1967. O título do sermão era "Dia da Eleição de Deus", cujo ponto principal era: O diabo e Deus realizaram uma eleição para determinar se ou não você seria salvo ou perdido. O diabo votou contra você e Deus votou em você. Então, como a eleição foi um empate, cabe a você dar o voto decisivo.

Sem dúvida que o conceito da doutrina da eleição se tornou popular entre os cristãos. Afinal de contas, nós americanos prezamos nosso direito e liberdade de votar. Mas é isso que a Bíblia quer dizer com *eleição*? Será que o evangelho diz que os votos de Deus são para a nossa salvação, os votos contra são de Satanás, e nós – individualmente, livremente – damos o voto que decide o nosso destino eterno?

Provavelmente não. Alguns estudiosos da Bíblia e teólogos diriam, “Definitivamente não!”. Parece banalizar o conceito de eleição e especialmente a soberania de Deus em nossa salvação. Por outro lado, pode haver alguma verdade nesta forma de conceber a questão, mesmo que não fazendo justiça à profundidade da doutrina bíblica da eleição.

Infelizmente, a "doutrina da eleição" veio a ser associada especialmente, e mesmo exclusivamente, a um ramo particular da teologia cristã – um povo conhecido como reformados. Esse povo descende da reforma suíça do século 16 e mais notadamente a partir do reformador francês João Calvino, que viveu e espiritualmente conduziu a cidade suíça de Genebra. Muitas vezes, a "eleição" é identificada como a doutrina distintiva do Calvinismo, como se outro ramo do cristianismo não acreditasse nela.

Na verdade, seria impossível ser um cristão crente na Bíblia sem afirmar a graça eletiva de Deus e ter uma doutrina da eleição. O mesmo poderia ser dito sobre a *predestinação*, muitas vezes vista como um sinônimo para a eleição. A Bíblia está cheia de referências à escolha de pessoas por Deus, de indivíduos e grupos. Abraão não foi apenas "chamado" por Deus, mas também "escolhido" ou "eleito" para ser o pai do "povo eleito", a nação eleita de Israel (Gn 12:1-3; Is 45:4). A igreja são os "eleitos" de Deus, escolhidos para a adoção como seus filhos por meio de Jesus Cristo (Ef 1-5). Paulo foi claramente escolhido por Deus para o apostolado (Atos 9).

Não seria nenhuma inverdade dizer que a eleição de pessoas por Deus é fundamental para a mensagem bíblica e para o evangelho. Pode-se dizer com segurança que a eleição do povo é a graça de Deus, não uma realização humana. Em nenhum lugar da Bíblia se pode insinuar que as pessoas elegem a si mesmas.

**A Teologia de ‘Tocados por um Anjo’**

Isso nos traz de volta ao folheto evangélico e ao sermão de Hobbs. Todos os cristãos, não apenas os calvinistas, devem rejeitar a mensagem subjacente de que a eleição é um ato ou realização humana. Os teólogos têm um nome para essa crença: *Semipelagianismo*. É sem dúvida a visão padrão de salvação e serviço entre os cristãos americanos, especialmente os cristãos mais jovens. Mas todos os ramos do cristianismo têm condenado isso como heresia, porque contradiz completamente as Escrituras.

Semipelagianismo é a ideia de que os seres humanos tomam a iniciativa de sua salvação e serviço a Deus. Nós decidimos se queremos ser salvos ou se queremos entrar no serviço de Deus, completamente por nós mesmos, sem a graça *preveniente* (ou necessária). (A graça preveniente é a graça que convence, chama, ilumina e capacita. Os teólogos cristãos discordam sobre se ela é resistível ou irresistível, mas todos os teólogos evangélicos concordam que ela é necessária para o primeiro exercício de uma boa vontade para com Deus.) Alguns anos atrás, uma série de televisão popular mostrou anjos disfarçados de humanos ajudando as pessoas em desgraça a se voltarem para Deus. Em um episódio, um anjo lindo e jovem, com sotaque escocês, aconselhava um homem a "chegar-se a Deus, tanto quanto pudesse, e então Ele iria estender a mão e o levaria pelo resto do caminho". É isso que chamo de "Teologia de *Tocados por um anjo*". Por si só, sem o esclarecimento bíblico e explicação teológica, ela expressa o semipelagianismo.

Ao contrário do que muitos pensam, as tradições do cristianismo protestante, tanto calvinistas quanto arminianas, sempre enfatizaram a iniciativa de Deus na salvação e no serviço. (O arminianismo é a tradição teológica instituída após Jacó Armínio, teólogo holandês do século 17, que afirmou o livre arbítrio humano). Isto é, se qualquer pessoa ou grupo encontra a reconciliação com Deus e/ou um papel na missão de Deus, isso é devido à graça eletiva de Deus, e não à decisão ou realização humana apenas.

Infelizmente, a doutrina da eleição se tornou um campo de batalha entre os protestantes evangélicos. Três pontos de vista principais disputam a atenção e crença, e todos os três apelam para as Escrituras. Todos os três afirmam que os outros dois não alcançam a comprovação e aprovação bíblica e teológica. Ocasionalmente defensores das três teses caem em debate verbal desagradável com o outro. Os defensores das três teses necessitam perceber que eles têm muito em comum, especialmente a crença na iniciativa divina – que é Deus quem elege, aquele cuja graça é necessária para cada coisa boa que uma pessoa faz, incluindo o primeiro movimento da vontade em direção a Deus.

A primeira visão é o Calvinismo clássico e tradicional. Não foi criada por Calvino, mas veio a ser associada com seu nome em terras inglesas através principalmente dos puritanos. No início, reformadores como Martinho Lutero e Ulrich Zwinglio tinham a mesma crença sobre a eleição.

De acordo com Calvino, a eleição, que é o mesmo que predestinação e pré-ordenação, referem-se ao "decreto eterno de Deus, pelo qual Ele próprio predeterminou o que Ele quis que cada homem se tornasse... [E] a vida eterna é preordenada para alguns e danação eterna para os outros (*Institutas da Religião Cristã*, III. XXI. 5). Muitas pessoas se referem a isso como "dupla predestinação". Calvino a baseou em Romanos 9 e em outras passagens que enfatizam a soberania de Deus em tudo, incluindo o destino eterno de cada indivíduo.

A segunda visão é o Arminianismo, clássico e tradicional. É nomeado após o teólogo Armínio, mas as linhas básicas da visão são anteriores a ele. Talvez o mais influente arminiano tenha sido John Wesley, fundador da tradição metodista, que também é reverenciado pelos cristãos nas tradições da santidade e pentecostais.

De acordo com o ensaio de Wesley "Sobre a Predestinação", seguindo fielmente Armínio, a eleição (predestinação) significa que "Deus previu aqueles em cada nação que iria acreditar – crer – desde o princípio do mundo até a consumação de todas as coisas. Ele baseou isso em Romanos 8, especialmente os versículos 29 e 30. Como todos os arminianos (e muitos que não usam este rótulo, mas concordam com sua doutrina essencial da eleição), Wesley afirmou o livre arbítrio, capacitado pela graça, porque caso contrário, “se o homem não fosse livre, ele não poderia ser responsável por seus pensamentos, palavras ou ações."

**Montanhas de Versículos**

A maioria dos cristãos evangélicos contemporâneos apoia uma forma ou outra – a visão de Calvino ou a de Wesley sobre a eleição. Todos concordam que Deus elege pessoas para serviço, todos concordam que Deus escolhe (através da eleição corporativa) um povo para ser seu. O problema da controvérsia é a eleição para a salvação. É incondicional e irresistível, ou ela depende da vontade do indivíduo em aceitá-la?

A divisão é sobre a salvação individual, e especialmente se Deus predestina algumas pessoas para o inferno. Arminianos acham-na repugnante e danosa à reputação de Deus, com base em passagens como João 3:16, 2Pedro 3:9 e 1Timóteo 2:4. Os calvinistas argumentam que permitir que os seres humanos possam resistir e frustrar a vontade de Deus limita sua soberania, e mesmo que não intencionalmente, diminui sua divindade. Se os pecadores podem livremente contribuir para a sua própria salvação, então a graça não é o único fator.

Ambos os lados neste debate podem acumular montanhas de versículos e argumentos para apoiar sua visão. Parece duvidoso que cristãos igualmente tementes a Deus, que creem na Bíblia e amam a Jesus, algum dia irão chegar a um consenso sobre o assunto. Mas o consenso já existe nisto: "qualquer que seja o papel desempenhado pelos seres humanos na sua salvação, a salvação é obra de Deus." Mesmo arminianos, na sua melhor e mais verdadeira forma, acreditam que os pecadores recebem a graça salvadora somente porque Deus os capacita a receberem-na com a livre resposta de fé.

Uma terceira visão contemporânea aparece entre os cristãos evangélicos. Se ela se inclina mais para perto da doutrina da eleição calvinista ou arminiana clássica é muito debatido. O chamado "Calvinismo evangélico" é defendido pelos seguidores dos teólogos escoceses Thomas e James Torrance. Eles, por sua vez, foram influenciados pelo teólogo suíço Karl Barth e, antes de Barth, pelos teólogos escoceses John MacLeod Campbell e P. T. Forsyth. Este ponto de vista foi recentemente explicado e defendido por 12 dos principais teólogos do *Calvinismo Evangélico: Ensaios em Apoio à Reforma Contínua da Igreja.*

De acordo com o "Calvinismo evangélico" (um termo errôneo, já que todos os calvinistas se consideram evangélicos de alguma maneira), Cristo deve ser o centro da eleição tanto quanto seu objeto e sujeito. Deus elege Jesus Cristo para ser o Salvador, e então elege as pessoas apenas "nele". Em Jesus e sua cruz, Deus disse “Sim!” a todas as pessoas, não havendo o correspondente divino “Não!” Se alguém tiver sido eleito para a salvação é porque Deus primeiramente elegeu Jesus Cristo e, em seguida, pela graça incluiu os pecadores nesta eleição. Se alguém rejeita sua inclusão na eleição de Cristo é unicamente por causa de sua rejeição inexplicável da graça que Deus estendeu a eles em Jesus Cristo.

Os editores do *Calvinismo Evangélico* afirmam que "Todos estão incluídos na obra salvífica de Cristo, e... a salvação é pela graça somente e por Cristo somente". A eleição para a salvação é uma boa notícia, porque não depende da livre vontade frágil e vacilante dos pecadores, e ninguém é excluído, exceto aqueles que voluntariamente se excluem.

Os calvinistas e arminianos clássicos concordam com muito do "Calvinismo evangélico", mas ambos o acham inconsistente em alguns pontos cruciais. Sua principal queixa em comum é que ele cai em contradição. Como, perguntam eles, pode-se afirmar a universalidade da graça eletiva e negar o livre arbítrio em relação ao ser eleito ao mesmo tempo em que afirma o livre arbítrio para rejeitar a verdade da eleição de alguém? Os calvinistas evangélicos, por outro lado, acham problemáticos os dois pontos de vista alternativos da eleição, visto que cada um à sua maneira parece lançar dúvida sobre a bondade do caráter de Deus.

Livros evangélicos sobre a doutrina da eleição são abundantes. Infelizmente, a maioria deles é polêmico, e gasta mais tempo discutindo contra uma ou outra visão do que ressaltando e explicando o terreno comum. Especialmente nas últimas duas a três décadas, a doutrina da eleição tornou-se uma causa de divisão mais do que de unidade entre os evangélicos. Mais atenção deve ser dada às áreas de acordo amplo e profundo, e menos para as áreas de diversidade. Os cristãos evangélicos na melhor das hipóteses compartilham uma doutrina comum da eleição. O diabo está nos detalhes, especialmente quando eles se tornam pontos de acusações de heresia ou infidelidade bíblica.

Todos os evangélicos concordam que a salvação é obra de Deus e não nossa. Nossas boas obras, até mesmo as nossas decisões livres ou sinais de graça, resultam a nada quando comparadas com a graça e o poder de Deus na eleição. Elas são como os pilares enganosos que o arquiteto inglês Christopher Wren instalou para tranquilizar os dirigentes da cidade de Windsor que duvidavam do seu esquema para apoiar o

segundo andar do salão da prefeitura. Wren tinha de fato deixado espaço entre os pilares do topo e do teto do primeiro andar. Mas o espaço era bem minúsculo, quase invisível, e o ardil não foi descoberto senão anos depois quando operários construíram andaimes para limpar o teto. Os pilares que pareciam tão importantes para o projeto arquitetônico simplesmente foram revelados (como as nossas impressionantes boas obras exteriores) insignificantes.

**"Deus Irá Encontrar um Caminho'**

Se um pecador vem a Cristo e recebe a salvação, todos os evangélicos concordam que é devido à graça da eleição de Deus e não por qualquer obra meritória. Eles também concordam que Deus é soberano na salvação; a eleição é uma forma bíblica de expressar essa soberania. O texto de Efésios 1 exalta a soberania de Deus na eleição do seu povo. Ali e em outros lugares, todavia, é possível interpretar a eleição corporativamente. Todos os evangélicos concordam que a eleição de um povo, de Israel e da Igreja por Deus, é incondicional. Deus escolhe ter um povo para o seu nome e para sua glória. Ele opta por ter um povo no qual possa derramar o seu amor generoso. Ele opta por ter um povo para ser luz para as nações e testemunho da sua grandeza e bondade para os seres espirituais que povoam o mundo invisível.

Os evangélicos debatem e também não chegam a um acordo se a inclusão dos indivíduos no povo eleito de Deus envolve qualquer nível de vontade livre, porém todos concordam que a existência do povo de Deus não é dependente da escolha humana. Como uma famosa afirmativa do filme *Jurassic Park*, "A vida encontra um caminho". A fé evangélica, de todos os tipos e tribos, concorda que "Deus irá encontrar um caminho" para ter um povo para o seu nome.

Calvinistas, arminianos e calvinistas evangélicos tendem a achar que a posição do outro é inconsistente. Mas inconsistência não é heresia. Os evangélicos divididos sobre os detalhes da doutrina da eleição talvez pudessem e devessem se reunir em torno de uma oração. O grande pregador batista, o inglês Charles Spurgeon, convertido em uma igreja metodista, mas um calvinista apaixonado, frequentemente fazia uma oração aparentemente inconsistente nas reuniões de sua igreja. No momento da oração noturna dizia: "Deus, chame os seus eleitos, e em seguida eleja outros mais". Os evangélicos de diferentes opiniões podem se assustar com a aparente contradição, mas todos podem alegrar-se com o espírito de generosidade e esperança que invadia o apelo de Spurgeon.

*Roger Olson é professor de teologia no Seminário George W. Truett da Universidade Baylor, e autor, mais recentemente, de* Contra o Calvinismo *(Editora Reflexão)*

Fonte: http://www.christianitytoday.com/ct/2013/january-february/election-is-for-everyone.html?start=1

Revisão: Paulo Cesar Antunes